Psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 07.05.2017

VOCAÇÃO DIALÓGICA DO HOMEM, SEGUNDO MARTIN BUBER

Projeto de Iniciação Científica/Curso de Filosofia – Edital PROBIC/PUC MINAS 2012

2012-2013

Isabella de Oliveira
Estudou Filosofia na PUC Minas. Estuda Direto na PUC Minas (Brasil)

E-mail de contato:
isaholiday@gmail.com

RESUMO

Depois de um longo percurso do homem pelos caminhos do pensamento humano, parece que a dimensão existencial do homem foi esquecida pela Filosofia. A partir da filosofia cartesiana o isolamento do homem nas paredes solipsistas parece atingir seu cume. Mas a questão existencial permanece intrigando: Que é o homem? Para começar a delinear respostas para esta pergunta é necessário considerar o homem em toda sua totalidade, em todas as suas dimensões. Esta é a tarefa que se propõe a Antropologia Filosófica e o próprio Martin Buber como filósofo. Martin Buber era judeu e a ortodoxia judaica teve grande influência em seu pensamento, o qual teve como ponto central a comunicação e a dimensão existencial humana.

Palavras-chave: Antropologia filosófica, diálogo, intersubjetividade.

Copyright © 2017.
This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

VOCAÇÃO DIALÓGICA DO HOMEM

Para Martin Buber "No princípio era a relação". Através da "palavra" o mundo foi criado, isso faz com a existência só seja possível através da comunicação e do diálogo. A "Palavra" no modo judeu de pensar implica mais em ação, diferente do *logos* grego que remete mais ao intelecto e ao pensar. A "palavra criadora" desenha no homem uma vocação de diálogo e não somente monológica.

A filosofia do diálogo de Martin Buber tem como escopo inicial a distinção fundamental entre diferentes maneiras do homem se posicionar no mundo. As possibilidades de abertura do homem quando em contato com a realidade objetiva e existencial que o cerca definem, segundo Buber, esta vocação dialógica do homem. Um mundo é o objetivo, chamado reino do isso e o outro é o mundo pessoal chamado de reino do tu. Estes modos do homem de estar no mundo não se sobrepõem, se opõem ou se excluem, são momentos em que o homem expressa naturalmente sua vocação dialógica. Há uma alternância entre ambos, não no sentido de "queda e ascensão", mas de complementariedade.

O mundo do Isso é também chamado pela palavra-princípio "Eu – Isso"; representa o mundo das coisas, das experiências cognitivas do homem quando se põe a conhecer e experimentar os objetos do mundo, formulando conhecimento objetivo, técnico, fazendo uso da razão para elaborar e tematizar acerca da realidade que o cerca. O mundo do Eu-Isso é fundamental para a constituição e consolidação dos conhecimentos humanos, embora não se restrinja somente a Isso.

> Não há eu-em-si, mas apenas o Eu da palavra-princípio Eu-Tu e o Eu da palavra-princípio Eu-Isso. Quando o homem diz Eu, ele quer dizer um dos dois. O Eu ao qual ele se refere está presente quando ele diz Eu. Do mesmo modo quando ele profere Tu ou Isso, o Eu de uma ou outra palavra-princípio está presente. Ser Eu, ou proferir a palavra-princípio Eu são uma só ou a mesma coisa. Aquele que profere uma palavra-princípio penetra nela e aí permanece. (Buber, Eu e Tu. p. 4)

Por que é designado como "Eu-Isso"? Porque neste reino o eu do homem se posiciona diante do objeto a que chama de "Isso". Há um relacionamento entre o eu e o isso, não se aceitando a preterição do "eu-em-si" como em Descartes. Para Buber o homem sempre toma parte da formação do conhecimento, jamais se deslocando da realidade existente de modo solipsista. A tese segundo a qual nada existe fora do pensamento individual, sendo a percepção

de coisas e pessoas mera impressão sem existência real não é aceita por Buber. A consciência do indivíduo sempre está presente intencionalmente diante do objeto, o que demonstra sempre abertura para comunicação.

Mas o "Isso" são apenas objetos? Não necessariamente. O isso também pode ser uma pessoa. Se um eu se põe a contemplar o outro, a observá-lo, o outro apreendido é um isso. Mesmo na contemplação da face do meu semelhante há um grau de consciência cognoscitiva intencional que quer perscrutar o outro, aprender e absorver algo dele. Ainda que seja um desejo ou que seja altruísta não é contingente, imediato e autêntico. Estando, portanto, no reino do isso.

> A vida do ser humano não se restringe apenas ao âmbito dos verbos transitivos. Ela não se limita somente às atividades que tem algo por objeto. Eu percebo alguma coisa. Eu experimento alguma coisa, eu represento alguma coisa, eu quero alguma coisa, eu sinto alguma coisa, eu penso em alguma coisa. Tudo isso e o que se assemelha a isso fundam o domínio do Isso. O reino do Tu, porém, tem outro fundamento. (Buber, Eu e Tu. p. 4)

O outro mundo é o do Tu, também chamado reino da palavra-principio "Eu – Tu". Este é um santuário onde pela "palavra" o Eu encontra o Tu! O encontro dá-se entre subjetividades, identidades, na igualdade. O tu endereça a palavra-princípio ao outro, convidando-o a entrar em uma relação de alteridade, que deverá conduzi-los ao vasto território da intersubjetividade. Não há relacionamento entre sujeito e objeto, mas a relação entre o eu e o tu. Relação é reciprocidade, sempre.

A relação é sempre atual, não se molda aos requisitos de tempo e espaço. Neste sentido o conhecimento que se forma na relação é exclusivo daquela realidade em particular. A própria linguagem se transforma quando se passa da percepção de detalhes em direção à totalidade. Na relação eu-tu, um e outro, se revelam sempre em totalidade e originalidade. Não há barreiras, jogos, fantasias, invenções, ilusões, bloqueios entre o eu e o tu, somente identidades genuínas participam da relação.

> A relação com o Tu é imediata. Entre o eu e o tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em passa dos detalhes à totalidade. Entre o Eu e o Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida que os meios são abolidos acontece o encontro. (Buber, Eu e Tu, p.13)

> A vida do ser humano não se restringe apenas ao âmbito dos verbos transitivos. Ela não se limita somente às atividades que tem algo por objeto. Eu percebo alguma coisa. Eu experimento alguma coisa, eu represento alguma coisa, eu quero alguma coisa, eu sinto alguma coisa, eu penso em alguma coisa. Tudo isso e o que se assemelha a isso fundam o domínio do Isso. O reino do Tu, porém, tem outro fundamento. (Buber, Eu e Tu. p. 4)

Segundo Buber, o homem não pode viver eternamente no reino do tu, pois seria por ele consumido. Por isso há a alternância dos mundos do tu e do isso, é a manifestação da vocação dialógica do homem, inerente à condição humana, de modo que mesmo o tu poderá se tornar um isso; na verdade isso deve acontecer.

Ao ouvir uma bela canção ou contemplar uma obra de arte, pode ser que ela lhe enderece a palavra-princípio e você entre em relação com ela. Mas em algum momento voltará a analisar os traços do pintor ou como o músico dedilha o piano e ainda que seja um belo espetáculo a ser contemplado já estará "tematizando" acerca do objeto; mesmo que o liame entre a contemplação e a relação seja tênue, não existe mais reciprocidade.

Da mesma forma, ao caminhar todos os dias pelo hipercentro de uma grande cidade e passando por dezenas de pessoas, na multidão, surpreendentemente alguém pode lhe endereçar a palavra-princípio e você imediatamente entrar na relação com este alguém que você não conhece, mas acolhe intersubjetivamente. Ao passarem um pelo outro a relação está instaurada, entram no reino do "entre", atualiza-se a relação, mas passos à frente começam a questionar quem é aquele ilustre desconhecido, de onde vem e para onde está indo, aí se desfaz a relação passando da totalidade aos detalhes, tornando-se isso um para o outro.

FUNDAMENTO E SENTIDO EXISTENCIAL

O homem é ser-no-mundo onde se encontra com o outro, realiza sua história e transforma a realidade a sua volta. Mas isso não é tudo: depois da experiência da alteridade e da subjetividade interior, na relação Eu-tu, o homem poderá experimentar, ainda, o diálogo com um Tu inefável, no santuário mais puro da Palavra-fundamento Eu e Tu.

O homem é ser-no-mundo e não deve fugir dele, apartando-se para um lócus meramente ideal ou transcendental, pois não seria suficiente para encorajar a busca pelo sentido e significado do ser homem; ser homem não implica somente os modos de conhecer e graus de conhecimento humano, mas também a dimensão ética, religiosa, afetiva, subjetiva, comunicativa, dialógica.

Faz-se mister reforçar como a ortodoxia judaica marcou fortemente a filosofia dialógica. Na Cabala, Malkuth é base da Árvore da Vida e representa o mundo relativo onde as emanações divinas se manifestam em matéria e interações físicas. O homem não escapa destas interações, ao contrário, é peça fundamental, pois é no mundo da experiência onde se realiza a vocação do existir com o outro e com o mundo; é o homem, que em Malkuth dá significado ao mundo, aquele mesmo significado que lhe foi endereçado no princípio pelo Tu Absoluto. Mas esta é apenas a primeira etapa, o objetivo é atingir todas as emanações e chegar ao topo da Árvore onde estão as energias divinas.

Alcançando um plano mais elevado nos distanciamos de Malkuth e chegamos a Chockmá, Sabedoria. Chockmá tem ligação direta com a palavra hebraica Davar: uma palavra capaz de mediar o verbo e a ação. Davar está no intermédio até Keter, a Coroa, ou o topo da Árvore. Davar é teofania, contrapondo-se ao Logos grego que é discurso que eleva a uma sabedoria somente contemplativa e racional. A Davar é a palavra que intermedia a ação do Tu Absoluto no mundo. Davar é verbo e ação.

A criação do mundo e dos homens é fruto da palavra divina. Esta palavra é portadora de ser, não mero discurso ou instrumento dialético, de definição, conceituação. A palavra criadora é a gênese e finalidade da vocação dialógica do homem, que atualiza a palavra nas relações intersubjetivas ao dizer Tu e ao pronunciar Isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Buber, Martin. **Eu e Tu**. Tradução, Introdução e Notas de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora. 6. ed. 2003.

Sanchez Meca, D., **Martin Buber Fundamento Existencial**. Barcelona: Editora Herder. 1984.

Sidekum, Antônio. **A Intersubjetividade em Martin Buber**. Porto Alegre: EST/UCS. Universidade de Caxias do Sul. 1948.

Zuben, N.A., Eclipse do Humano e a Força da Palavra: Martin Buber e a Questão Antropológica. In: **Reflexão. Revista PUC Campinas**. 1979.